

---

## **O jornalismo que se mobiliza diante da tragédia: uma análise sobre a cobertura do Jornal Nacional durante a enchente no Rio Grande do Sul<sup>1</sup>**

Luíza Buzzacaro BARCELLOS<sup>2</sup>

Bianca ROSA<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

A enchente ocorrida em 2024 no Rio Grande do Sul provocou uma série de ações de solidariedade pelo país. O jornalismo foi um dos setores da sociedade que se mobilizou diante dessa tragédia, seja realizando coberturas em tempo real ou se deslocando até o Estado. Nossa proposta, portanto, é realizar uma análise da cobertura realizada pelo Jornal Nacional no mês de maio, articulando os conceitos de narrativas jornalísticas, circulação e produção de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; midiaticização; objetividade; enquadramento; Jornal Nacional.

### **Contexto histórico das enchentes no RS e a atuação do Jornal Nacional**

Maio de 2024 se tornou um marco na história do Rio Grande do Sul. As fortes chuvas, provenientes de condições climáticas adversas, culminaram em uma enchente de grandes proporções em todo o Estado, deixando cidades devastadas, milhares de famílias sem casa, 804 feridos, 34 desaparecidos e 178 mortos<sup>4</sup>. Em Porto Alegre, a enchente ultrapassou o nível antes alcançado pela famosa enchente de 1941 e sofreu por diversos dias embaixo d'água, quando muitos bairros ficaram sem luz e sem acesso à água potável. Diversos estabelecimentos comerciais precisaram fechar suas portas, após a perda total de sua estrutura de funcionamento; estradas foram interditadas, pontes desmoronaram e o acesso às cidades foi totalmente prejudicado. A entrada de Porto Alegre teve que ser reconstruída através de um corredor humanitário, para que mantimentos pudessem ser transportados. Além disso, o aeroporto de Porto Alegre e a rodoviária da cidade tiveram as atividades paralisadas, por estarem inundadas. Embora a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e-mail: luiza.buzzacaro@gmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista, Mestre e Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e-mail: bianca0rosa@gmail.com.

<sup>4</sup> Disponível em: <[1](https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/06/26/bombeiros-procuram-desaparecidos-das-enchentes-do-rs.ghtml#:~:text=Além%20dos%2034%20desaparecidos%2C%20mortes%20em%20razão%20do%20desastre.></a><br/>Acesso 28 jun 24.</p></div><div data-bbox=)

---

enchente tenha durado praticamente um mês, o avanço das águas levou um estado inteiro a decretar estado de calamidade pública, o que levou o Governo Federal a nomear um Ministério para a reconstrução do Estado, liderado pelo ministro Paulo Pimenta.

Houve grande mobilização em torno do sofrimento a que o povo gaúcho foi submetido, de várias instituições sociais e setores da sociedade. Diferentes partes do país se envolveram no envio de doações e muitas equipes de voluntários foram criadas de forma autônoma para atuar no resgate e salvamento de pessoas e animais. Nesse sentido, o jornalismo também foi responsável por cumprir com uma função singular e igualmente importante. É exatamente sobre essa atuação jornalística em meio às enchentes ocorridas no Sul do Brasil que pretendemos realizar uma análise sobre produção de sentidos e jornalismo. Para tanto, o trabalho se centra na análise da cobertura feita pelo telejornal Jornal Nacional, transmitido na Rede Globo, realizado no mês de maio, durante as duas primeiras semanas das enchentes. Neste período, o programa se deslocou geograficamente para Porto Alegre, com a vinda do editor-chefe e apresentador do jornal televisivo, William Bonner, para o Estado, realizando diretamente do local edições diárias do telejornal praticamente exclusivas sobre a tragédia no Rio Grande do Sul. Exatamente por conta deste fato, é importante, antes de iniciarmos uma discussão teórica e análise, reconstituirmos os fatos que antecederam a tragédia, o que ajuda a contextualizar e compreender melhor a cobertura realizada pelo Jornal Nacional.

As tempestades que assolaram o Rio Grande do Sul e que levaram ao estado de calamidade ocorreram ainda no final de abril de 2024. No dia 27 de abril teve início o primeiro grande temporal que já começou a devastar áreas perto dos rios, como o Vale dos Sinos e o Vale do Taquari. As fortes chuvas persistiram por mais de 10 dias, fazendo com que em Porto Alegre os níveis de água das bacias e rios transbordassem. Na Capital, a situação saiu do controle na semana entre 1º e 04 de maio, pois a cota de inundação do sistema de proteção contra enchentes ultrapassou seu limite e as águas do Guaíba tomaram conta da cidade. Importante também citar que, em meio à calamidade, estava sendo realizado no Rio de Janeiro um gigantesco evento midiático, patrocinado pelo banco Itaú, um dos principais patrocinadores da TV Globo. O evento em questão era o show da cantora Madonna nas areias de Copacabana, que ocorreu no dia 04 de maio. Mesmo havendo uma calamidade sem precedentes no Estado há vários dias, o

---

assunto sobre o show da cantora monopolizou a opinião pública nos noticiários e nas redes sociais.

Entretanto, a cobertura em tempo real da tragédia foi mobilizada com uma semana de atraso pela emissora, que então decidiu transferir seu âncora principal ao local do evento, William Bonner. O jornalista justificou<sup>5</sup> a decisão de apresentar o programa diretamente de Porto Alegre para demonstrar solidariedade ao povo gaúcho e também mostrar ao resto do Brasil o tamanho da tragédia no Rio Grande do Sul. Ao todo, foram dez edições que tiveram a presença de Bonner na capital gaúcha, do dia 06 ao dia 15 de maio. Nestas edições, o jornalista co-apresentou o jornal diretamente de lugares externos da cidade, como em abrigos, centros de controle do Governo do Estado e até mesmo nos bairros mais atingidos pelas inundações. Além disso, a programação do jornal se tornou praticamente exclusiva ao tema das enchentes no Estado.

Dessa forma, nossa intenção é realizar, neste artigo, uma análise sobre o enquadramento do telejornal e a abordagem jornalística sobre o tema, através da análise das transmissões destes programas desde o dia 30 de abril, quando houve a primeira reportagem sobre o assunto no programa, até o dia 15 de maio. O objetivo, portanto, é analisar a produção de sentidos que se estabeleceu no desenrolar da catástrofe que se abateu sob o RS e que motivou a presença do âncora do principal telejornal da Rede Globo no local dos acontecimentos. Para tanto, nos apoiaremos em uma fundamentação teórica composta pela discussão sobre a construção do campo jornalístico, agendamento, objetividade e midiatização e traçaremos a nossa análise a partir da articulação entre o processo de circulação, produção de sentidos (Rosa, 2019; Fausto Neto, 2018) e narrativas (Motta, 2017).

### **Fundamentação teórica: agendamento e objetividade como práticas jornalísticas dentro de uma ambiência midiatizada**

Define-se o jornalismo como uma prática social na qual representações de determinados fatos, históricos ou singulares, são divulgados a partir de relatos como notícias, reportagens ou entrevistas, através da menção ou perspectiva do fato narrado, evidenciando uma maneira de contar, que sempre irá partir de um determinado ângulo de visão. Dessa maneira, o jornalismo proporciona à sociedade uma forma de

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/gente/jornal-nacional-tera-formato-diferente-por-conta-das-enchentes-no-rio-grande-do-sul-saiba-mais,d2354edf6593d63b259a8e4b54d60c81glx80zro.html>> Acesso 28 jun 24.

conhecimento que permite a sua própria construção social, através da interação do campo midiático com outros campos sociais, o que ocorre na forma de uma mediação. E essa mediação pode se revelar através de um certo ângulo de visão, assim como também na maneira como se conta determinada história. A proposta que aprofundaremos no artigo completo é de refletir sobre algumas práticas que se configuram no jornalismo tradicional/canônico que se consolidou na era dos meios de massa. Uma delas é a ideia de objetividade jornalística, uma estratégia argumentativa que se configura através da ideia de que uma aparente neutralidade no relato jornalístico se faz necessária para a busca da verdade dos fatos. Segundo Motta (2010), a objetividade é uma estratégia argumentativa utilizada no jornalismo para construir os efeitos do real, dando a impressão de que não há mediação entre os fatos e os jornalistas que os narram. Adelmo Genro Filho, ainda na década de 1980, já chamava a atenção para a impossibilidade de uma objetividade neutra no jornalismo:

Todo o relato jornalístico, toda notícia ou reportagem, reproduz os fatos através de uma complexa operação subjetiva. O resultado desse processo será, sempre, aquilo que podemos chamar de singular significativo, isto é, o produto de uma modalidade de apreensão subjetiva que supera o particular e o universal no interior da singularidade do fato jornalístico. Por isso, um fato jornalístico não é uma objetividade tomada isoladamente, fora de suas relações históricas e sociais, mas ao contrário, é a interiorização dessas relações na reconstituição subjetiva do fenômeno descrito (Genro Filho, 1987, p.73 apud Veiga da Silva, 2015, p.47)

Entretanto, a ideia de objetividade jornalística não se sustenta se pensarmos na prática de agendamento jornalístico, que se define, a grosso modo, por escolher a versão dos fatos que serão contados, sob determinada perspectiva. A teoria do agendamento implicou em uma forte mudança no paradigma dominante sobre os efeitos da mídia, conforme já observava Nelson Traquina (2005), significando uma “redescoberta do poder do jornalismo não só para selecionar acontecimentos e/ou temas que são noticiáveis, mas também para enquadrar esses acontecimentos e/ou temas” (Traquina, 2005, p. 16). A socióloga estadunidense Gaye Tuchman (1976) relacionou em seus estudos a teoria do agendamento com a noção de enquadramento, trabalhada por Goffman (1975), que a concebeu como “uma ideia organizadora central para dar sentido a acontecimentos relevantes e sugerir o que é um tema”. A partir dessa compreensão, Tuchman afirmou que a notícia, através de seus enquadramentos, oferece definições da realidade social, contando histórias.

---

Entretanto, também é necessário observar que o jornalismo que vem sendo realizado desde a época dos meios de massa teve sua processualidade complexificada em meio a uma dinâmica que é percebida como uma ambiência midiaticizada. Neste contexto comunicacional, há uma constatação de novas lógicas comunicacionais, na qual a mediação jornalística é deslocada para um ecossistema comunicacional, formado por disputas entre diferentes sistemas, atores sociais e as próprias mídias. Os teóricos da midiaticização Eliseo Verón, José Luiz Braga e Antônio Fausto Neto (2018) apontam para uma dinâmica comunicacional própria da midiaticização, alertando como características a distinção de lógicas diferentes das que ocorriam na era dos meios. Um dos exemplos é o deslocamento da ideia da dinâmica da circulação, provocando na relação entre circuitos uma profusão de sentidos diversos. Por força da ambiência da midiaticização, as novas condições de circulação acabaram afetando as lógicas de “instituições produtoras e sujeitos-receptores”, fazendo com que as lógicas de contratos fossem substituídas por lógicas de interfaces em disputas de sentidos. O que ocorre então no jornalismo que é praticado em uma ambiência midiaticizada, é que a capacidade de mediação de sentidos se deslocou para uma nova ambiência comunicacional, na qual tanto a mídia, quanto atores sociais e sistemas da sociedade se tornam produtores de conteúdo, disputando sentidos.

### **Metodologia**

Feito esse rápido apanhado teórico, é importante definir, também, os conceitos e teorias que nos guiaram como procedimento metodológico tentativo, que se articula em diálogo com uma adaptação entre a Análise Crítica da Narrativa e uma análise sobre circulação midiaticizada e produção de sentidos. A análise da narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta, leva em conta que a narrativa deve ser compreendida como “uma ação cujo protagonismo, voz e perspectiva dos sujeitos narrador e destinatário na coconstrução do sentido sejam incorporados a uma análise crítica que privilegie as performances dos sujeitos na enunciação narrativa” (Motta, 2017, p.48). Esse movimento de análise, portanto, tem um “potencial de contextualizar a interpretação narrativa”, revelando uma dimensão maior entre a veiculação das notícias, mas também indicando os contextos nos quais elas foram desenvolvidas, assim como os sentidos que elas possam gerar. Essa parte da análise então se concentrará em identificar alguns traços linguísticos, definidos como círculos dêiticos, propostos pelo autor. Pois,

---

segundo Motta (2017), "a dêixis diz respeito às maneiras pelas quais a linguagem gramaticaliza traços do contexto no ato de fala", fazendo com que dessa forma, possamos compreender os círculos dêiticos como pistas linguísticas na análise da cobertura jornalística.

Já a análise sobre circulação dentro da ambiência midiaticizada leva em conta a investigação sobre circuitos de sentidos que emergem a partir do processo de produção de conteúdo originado por atores sociais, que assim, faz com que esse material revele “como o poder do registro dos fatos está em disputa na sociedade midiaticizada, o que potencializa a criação de circuitos experimentais” (Rosa, Vinhola, 2021). Pois os autores refletem que o equilíbrio das condições de produção é desnivelado, na medida que qualquer pessoa tem acesso ao registro e divulgação de um acontecimento, o que faz com que pressupostos tidos anteriormente como exclusivamente jornalísticos, tal como a instantaneidade, sejam oferecidos à qualquer pessoa, nesta nova ambiência. Desta forma, nosso objetivo é analisar de que forma a dinâmica da circulação coloca em disputa as diferentes produções de sentido produzidas por atores sociais e pela mídia canônica, em interação. Essa análise será realizada a partir de indícios deixados pelos círculos dêiticos das narrativas e pelo processo de circulação, de dinâmicas de produção de sentido, tais como ressignificações, remixagens e lembranças.

### **Considerações finais: algumas pistas**

A partir da discussão teórica a respeito da construção do campo jornalístico e seus desdobramentos em práticas e processos circundantes e da análise da narrativa aliada a uma análise midiaticizada da cobertura do Jornal Nacional sobre as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, conseguimos ter algumas pistas de um jornalismo que se mobilizou por meio da tragédia e que propôs uma cobertura jornalística diferente do que é hegemonicamente realizada todos os dias. A presença in loco do âncora do telejornal no cerne da tragédia trouxe não só maior visibilidade para o que estava acontecendo no Estado gaúcho, como também fez com que emergissem novos circuitos de sentido, percebidos dentro do processo de circulação deste acontecimento. Também constatamos algumas rupturas em relação à prática jornalística, como a escuta a fontes não oficiais, a presença de maior empatia nas entrevistas e nas entradas ao vivo, além do próprio tensionamento entre os limites da objetividade jornalística e da subjetividade do apresentador do telejornal.

---

## REFERÊNCIAS

FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. **Revista Rizoma**, v.6, n. 2. Santa Cruz do Sul, 2018.

GENRO FILHO, A. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

MEDITSCH, E. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Universidade Federal de Santa Catarina. 1997. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

MORAES, F.; VEIGA DA SILVA, M. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Jornalismo do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 11-14 de junho de 2019. MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. Análise pragmática da narrativa: Teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In: SOSTER, D. A.; PICCININ, F. Q. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas** [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

PENA, F.. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSA, A. P. Imagens em espiral: da circulação à aderência da sombra. **Matrizes**, v. 13, n. 2, p. 155-177, 2019.

\_\_\_\_\_. Imagens-totens e circulação: a chancela jornalística no caso Michael Jackson. In: **E-Compós**, v. 17, n. 2, 2014.

\_\_\_\_\_.; VINHOLA, B. G. Imagens em disputa: a circulação de sentidos sobre o Exército Brasileiro no Complexo da Maré. **Lumina**, v. 15, n. 1, p. 5-30, 2021.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2015.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. V. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, G. Contando ‘estórias’. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

\_\_\_\_\_. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.